



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Salvo pelos pastéis

Enquanto o mundo explode, lembrei de uma história do poeta Ferreira Gullar. Ele passou por Brasília, no período da construção da cidade, e foi o primeiro diretor da Fundação Cultural. Eram tempos épicos em que as coisas mais simples exigiam malabarismos para serem realizadas. Gullar pretendia aliar a tradição ao que havia de mais experimental na cultura. Organizou salões de artes plásticas vanguardistas e trouxe a Escola de Samba

da Mangueira. O regime militar atropelou tudo. Mas ficaram alguns vestígios de sua passagem. Um deles são aquelas garrafinhas coloridas, vendidas na Feira da Torre de Televisão, trazidas pela primeira vez por Gullar, de sua terra natal, São Luís do Maranhão.

Gullar era pura tensão entre racionalidade e passionalismo. Parecia um boeing, demorava a decolar, mas quando saía do chão, voava alto e longe. No livro *A luta corporal*, publicado aos 20 anos, ele queria implodir com a linguagem para chegar até o coração da vida: “Flores diurnas, minhas feras/Estas são as máquinas do voo/A pele se incendeia em vosso inferno verdadeiro/Eu te violento, chão da vida/Garganta do meu dia/Em tua áspera

luz/Governo meu canto”.

No entanto, ao implodir com a linguagem, Gullar se deparou não com a fonte da vida, mas, sim, com o nada. E decidiu retomar o fôlego fazendo versos de cordel. Nesse sentido, a estada brasiliense foi crucial.

Mas Gullar voltou à cidade muitas vezes realizando palestras para estudantes. Em um desses encontros, ele contou uma intrigante história sobre os limites da razão em nossas vidas. Certo dia, estava na casa de um amigo, o crítico Mário Pedrosa. Lá, reunia-se uma constelação de intelectuais brilhantes, naqueles anos 1960 de convulsões, de contradições, de turbulências, de inconformismos e de revoluções por minuto.

Mário Pedrosa e os amigos se dedicaram a uma acurada análise da situação política no Brasil e no mundo pelo método dialético e chegaram a conclusões um tanto pessimistas sobre o destino da humanidade.

Gullar ficou deprimido com a conversa e resolveu ir para o quarto de pensão que dividia com dois amigos, o cronista Carlinhos Oliveira e o crítico Oliveira Bastos, que, mais tarde, seria editor-chefe do **Correio Braziliense**. A ideia de suicídio germinou, ganhou força e tomou conta da cabeça. Sentou-se na cama e repisou as argumentações apresentadas no encontro. Quanto mais repassava a conversa, mais ganhava força a ideia do suicídio.

Todayia, de repente, ele avistou um

saquinho com meia-dúzia de pastéis de banana em cima de uma mesa, comprado por um dos amigos com quem dividia o quarto. Já que não estava fazendo nada, decidiu experimentar um pastel, sem muita vontade, de maneira aleatória.

“Até que não está tão mal”, pensou. E resolveu provar mais um. Em resumo: não sobrou nem um pastel no saquinho encharcado de gordura. Gullar se aquietou com uma leve sensação de saciedade e bem-estar. Percebeu que a vontade de morrer havia se evaporado misteriosamente. Na verdade, ele estava se sentindo muito bem e lhe bateu um estalo fulminante. Que m... de dialética é essa que não resiste a meia-dúzia de pasteizinhos de banana.

» Entrevista | HAMILTON LOURENÇO | DIRETOR TÉCNICO DA TERRACAP

Executivo comenta a aprovação urbanística do Setor Jockey Clube e o novo centro urbano do Jardim Botânico, com estudos ambientais avançados. Ideia é que regiões atraiam atividades, evitando que a população se desloque para o Plano Piloto

Novos centros urbanos no DF

» ARTUR MALDANER*

O diretor técnico da Terracap, Hamilton Lourenço, foi o entrevistado de ontem do CB.Poder — parceria entre o **Correio** e a *TV Brasília* — e detalhou projetos de expansão urbana do Distrito Federal, como a construção do centro urbano do Jardim Botânico e o Setor Jockey Clube. Ele explicou às jornalistas Adriana Bernardes e Mariana Niederauer que as duas iniciativas procuram aproximar as populações de novos centros comerciais, de forma que não precisem se locomover para o Plano Piloto diariamente. O diretor também comentou sobre o Drenar DF, que combate alagamentos na Asa Norte, e sobre obras novas no Parque Burle Marx, que deve receber um velódromo de padrão internacional.

A expectativa é que haja um novo centro urbano no Jardim Botânico, na região do Tororó. Fale um pouco sobre ele.

É um projeto grande da Terracap, após o Mangueiral e a Papuda, onde tem um entroncamento de rodovias. É uma região grande, de mais de 400 hectares, que nunca foi ocupada, e nós estamos desenvolvendo esse projeto para uma área urbana. Já houve a audiência pública, o projeto ambiental, e os estudos ambientais já estão bem avançados. Atualmente, está em processo de aprovação no conselho de meio ambiente e, depois disso, nós teremos a emissão da licença prévia pelo Ibram. São 1.000 lotes, com a maior parte para edifícios mistos, de comércio e residência. Tendo a licença, no começo de 2026, poderemos levar para o conselho de planejamento urbano e já teríamos o projeto aprovado para registro no cartório. A população lá é estimada em 98 mil a 100 mil pessoas, um número grande.

Essa região sofre com problemas de mobilidade e equipamentos públicos, e é bem saturada também. O que o governo está fazendo

para que esse adensamento não agrave a situação?

Temos que entender que essas pessoas não chegam do dia para a noite. Essa população estimada deve ser atingida em 15 anos. Então, há um tempo para que todas as ações de mitigação possam ser implementadas. Hoje, nós temos vários estudos de trânsito sendo feitos. A Terracap contratou para o cálculo de tráfego, individual e de transporte público. Mas é importante entender que esse projeto do Tororó é, na verdade, um centro urbano. Ele é uma atração de tráfego, não vai irradiar tráfego, ele vai chamar o movimento para ele. Então, a ideia é que a gente atraia o trânsito para esse local e que esse público não tenha que se deslocar até o Plano Piloto ou o Lago Sul para ter os serviços.

E os imóveis serão em que padrão: classe média ou classe média alta?

Eu considero classe média. É claro que é o empreendedor que vai comprar o lote, seja para uma residência unifamiliar, seja para construir um prédio. Ele é que define o produto, mas a gente entende que é um padrão de classe média,

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



que é o padrão do bairro, do setor do Jardim Botânico.

Vamos falar agora do Setor Jockey Clube. Quando ele vai começar a sair do papel?

O Setor Jockey Clube já está aprovado. Nós já temos o urbanístico aprovado, o licenciamento ambiental também, com licenciamento de instalação, e estamos numa fase de registro cartorial. Há uma discussão no cartório para conseguirmos registrar os lotes. A Terracap tem que vencer essa situação no cartório. Depois, registram-se os lotes e, a partir daí, eles passam a ser vendidos para as empresas

ou para quem queira comprar. Os projetos de infraestrutura também já estão todos prontos e aprovados.

E quais são as características desse bairro, a localização e como vai ser a configuração desses prédios?

É onde antigamente existia o Jockey Clube propriamente dito. A gente está até preservando a pista do Jockey, como uma forma cultural de significação, e de manter essa memória. O bairro é todo de lotes para edifícios, que podem ser comércios e residências, ou só comércios. São previstas 50.000 pessoas e 260 lotes, aproximadamente. São prédios altos, mas que guardam uma boa distância entre eles. As alturas são variadas. No centro do bairro, os prédios têm aproximadamente 54 metros de altura, o que dá uns 19 andares. É claro que

isso é um limite. Quem comprar pode desenvolver o seu projeto do jeito que achar melhor.

No Tororó, o perfil dos futuros moradores é de classe média. No Jockey também?

Também entendo que sim. É um perfil bem de Águas Claras, Guará e Vicente Pires. A gente entende como classe média. De novo, quem comprar e fazer o seu empreendimento é que vai apontar isso.

Qual vai ser o impacto de 50 mil pessoas nesse bairro, que pega a Estrutural e EPTG, vias que estão completamente saturadas? Como o trânsito vai escoar?

A resposta é muito parecida com a do Tororó. É um bairro organizado, pensado, estudado. Nós já temos os estudos de tráfego concluídos.

Assinamos, recentemente, um convênio com o DRT para estudar as mitigações que precisam ser feitas na Estrutural. E, de novo, que nem o Tororó, a gente entende que é um bairro que vai atrair mais tráfego do que irradiar o tráfego.

A gente teve uma obra grande do Drenar DF na Asa Norte e agora começamos a temporada de chuvas. Na avaliação do governo, essa obra resolveu o problema de alagamentos na região?

O Drenar DF é o programa de drenagem pluvial urbana mais amplo do Distrito Federal. Está a cargo da Terracap a parte da Asa Norte. Ela pega desde o Eixo Monumental até as quadras finais 4 e 5 da Asa Norte. E desde o estádio e o autódromo até a L4. Esse sistema do Drenar está concluído e é um sucesso, totalmente operacional.

E quais são as novidades do Parque Burle Marx?

O Parque Burle Marx ficou muito tempo parado e, neste governo, a gente conseguiu fazer dois espaços de lazer que já estão funcionando. A gente conseguiu aprovar no Conselho gestor do Parque Burle Marx uma ocupação no parque. Então, a parte norte vai ser mais preservada, a parte sul nós vamos ter uma ocupação um pouco mais de parque, calçada, ciclovias, trilhas rústicas, outros espaços de lazer e cultura. Estamos desenvolvendo, também, um velódromo de padrão internacional. Esse projeto já está no Ibram para ser aprovado. Aguardamos essas aprovações para já começarmos as obras.

***Estagiário sob a supervisão de Tharsila Prates**

ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA

Falsos fornecedores de multinacional dão prejuízo de R\$ 88 milhões

» DARCIANNE DIOGO

Uma operação conjunta entre as Polícias Cíveis de Santa Catarina, Distrito Federal, São Paulo, Pará e Maranhão desarticulou uma organização criminosa especializada em fraude e lavagem de dinheiro. A polícia descobriu que criminosos se passavam por fornecedores de uma multinacional brasileira,

pediam dinheiro antecipado aos bancos e, depois, lavavam os recursos para dificultar o rastreamento. O prejuízo chega a R\$ 88 milhões.

Na manhã de ontem, as equipes cumpriram 20 mandados de busca e apreensão na capital federal — nas cidades do Gama, Águas Claras, Ceilândia e Plano Piloto —, no Pará, no Maranhão e em São Paulo. No DF, a operação teve o apoio da

Delegacia Especial de Repressão ao Crimes Cibernéticos do DF, ligada ao Departamento de Combate à Corrupção e ao Crime Organizado (DRCC/Decor).

Segundo as investigações, o esquema funcionava da seguinte maneira: em uma plataforma de intermediação e antecipação, o grupo criminoso utilizava cadastros falsos de fornecedores legítimos da multinacional. Com a “identidade” falsa, apresentavam o interesse em receber o dinheiro da organização e pediam milhões aos bancos parceiros. A ação, com fornecedores reais, é comum e legal.

Com a farsa, os criminosos conseguiram saquear R\$ 88 milhões das instituições financeiras parceiras do banco, informou a polícia. “O grupo não se limitava à fraude inicial, mas operava um complexo esquema de lavagem de dinheiro. Foram identificados padrões típicos de ocultação de valores, como o uso de laranjas, bem como empresas de fachada, mas sem a correspondência operacional ou física compatível com os altos volumes movimentados”, detalhou o

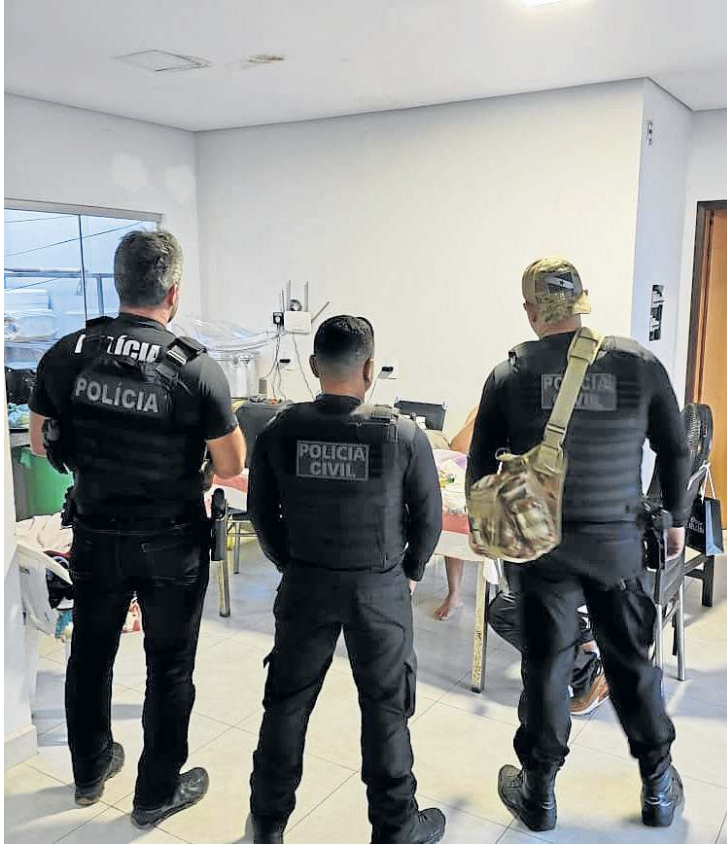
delegado João Guilherme, chefe da DRCC. A tática, segundo ele, era para esconder a origem criminosa.

Ação

A polícia desconfiou que, em um dos casos, um investigado chegou a depositar mais de um R\$ 1,5 milhão em dinheiro em um único dia, em várias transações, em contas de suas empresas.

A investigação apontou ainda o perfil do bando. Faziam parte do rol pessoas com conhecimento em tecnologia e cibersegurança; aqueles experientes em forjar cadastros, contornar checagens e enganar sistemas; além de um homem envolvido em grandes fraudes, como a Máfia dos Concursos no Cebraspe, em 2017.

Como medida, a Justiça determinou o bloqueio de contas bancárias dos suspeitos e das empresas envolvidas, totalizando R\$ 88 milhões, além do sequestro de diversos imóveis e a apreensão de veículos de alto valor e luxo. As investigações seguem a cargo da Polícia Civil de Santa Catarina (DRCI/DEIC).



Policiais cumprem mandados no DF e em outros três estados

CNP Seguros Holding Brasil S.A.

CNPJ/ME nº 14.045.781/0001-45 - NIRE 53.3.0001362-4

Extrato da Ata da Reunião Extraordinária do Conselho de Administração Realizada em 09/10/2025

Realizada eletronicamente aos 09/10/2025, às 13h, considerando-se realizada a partir da sede. **Presença:** Manifestaram-se os membros do Conselho, quais sejam: o Presidente do Conselho de Administração, Sr. Thomas Behar, e os Conselheiros, Sr(as). Julia Delva, Sonia Fanny Marie Odile de Demandolx Furtado, Eduardo Fabiano Alves da Silva, Maximiliano Alejandro Villanueva, Marcos Brasiliano Rosa, Miriam Belchior, Cristina Kioni Mori e Juliano Fernandes Bourim. **Mesa:** Presidente: Thomas Behar; e Secretária: Simara Rodrigues Andrade da Costa. **Deliberações:** Os membros do Conselho de Administração da Companhia, sem qualquer ressalva, manifestaram-se conforme segue: **1. Eleição de membro da Diretoria Executiva da Companhia:** Os Conselheiros deliberaram pela eleição do Sr. **Joaquim Alfredo da Cruz Filho**, RG nº 2.599.557 SSP/DF, CPF/ME nº 601.857.404-72, ao cargo de Diretor de Operações da Companhia, anteriormente vago, com mandato unificado ao dos demais membros da Diretoria Executiva, ou seja, até a Reunião do Conselho de Administração que deliberar sobre as demonstrações financeiras do exercício social encerrado em 31/12/2026, nos termos do material arquivado na sede da Companhia e vinculado a esta reunião. **1.1.** Os Conselheiros tomaram conhecimento de que o Diretor acima qualificado preenche as condições previstas na Lei nº 6.404/76 e suas atualizações, bem como nas demais disposições aplicáveis. **1.2.** O Diretor eleito declarou, sob as penas da lei, não estar incurso em nenhum dos crimes previstos em lei que o impeça de exercer as atividades empresárias ou administração de sociedades empresárias, bem como não estar impedido para o exercício da atividade mercantil ou ter sido condenado à pena que vede, ainda que temporariamente, o acesso a cargos públicos, ou por crime falimentar, de prevaricação, peita ou suborno, concussão, peculato, ou contra a economia popular, contra o sistema financeiro nacional, contra as normas de defesa da concorrência, contra as relações de consumo, a fé pública ou a propriedade, conforme previsto no artigo 147 da Lei nº 6.404/76. **1.3.** A Diretoria Executiva fica, portanto, com a seguinte composição: Sra. **Sany de Jesus Mota Silveira**, Diretora Presidente; Sr. **Marco Antonio Barbosa Pires**, Diretor Financeiro; **Leticia de Oliveira Doherty**, Diretora de Riscos e Controles Internos; e **Joaquim Alfredo da Cruz Filho**, Diretor de Operações. **Nada mais. Assinaturas:** **Mesa:** Thomas Behar, Presidente; e Simara Rodrigues Andrade da Costa, Secretária. **Membros do Conselho:** Thomas Behar, Julia Delva, Sonia Fanny Marie Odile de Demandolx Furtado, Eduardo Fabiano Alves da Silva, Maximiliano Alejandro Villanueva, Marcos Brasiliano Rosa, Miriam Belchior, Cristina Kioni Mori e Juliano Fernandes Bourim. Brasília/DF, 09/10/2025. **Simara Rodrigues Andrade da Costa**, Secretária da Mesa. Protocolo sob o nº DFC2513636696, em 03/12/2025; Registro sob o nº 2870948, em 04/12/2025. Fabianne Raissa da Fonseca, Secretária-Geral.